

SOCIOLINGUÍSTICA E ENSINO: AVALIAÇÃO E ATITUDE LINGUÍSTICA NO CONTEXTO ESCOLAR

SOCIOLINGUISTICS AND TEACHING: EVALUATION AND LINGUISTIC ATTITUDE IN THE SCHOOL CONTEXT

Andréia Silva Araujo¹
Éccia Alécia Barreto de Jesus²

RESUMO: Os falantes de todas as línguas emitem, a todo momento, julgamentos sobre as variedades linguísticas; tais julgamentos podem culminar em preconceito linguístico e este pode ser disseminado em qualquer ambiente social, inclusive o escolar. Neste trabalho, objetivamos verificar como a noção de variação linguística está sendo vista/vivenciada no ambiente escolar e identificar qual a avaliação e atitude linguística de estudantes quanto ao uso de formas pronominais de referência à segunda pessoa do singular. Para tanto, aplicamos um questionário a docentes e discentes do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe contendo perguntas referentes ao universo da variação linguística e um teste de avaliação e atitude linguística para estudantes da rede municipal e estadual da cidade de Moita Bonita/SE. Os resultados obtidos demonstram que ainda há estigma quanto às variedades linguísticas não padrão, o que evidencia a necessidade de uma ampla discussão pela escola a esse respeito. **Palavras-Chave:** Variação linguística. Atitude linguística. Ensino de língua materna.

ABSTRACT: Speakers of all languages emit, at all times, judgments on linguistic varieties; such judgments can culminate in linguistic preconception and this can be disseminated in any social environment, including school. In this work, we aim to verify how the notion of linguistic variation is being seen/experienced in the school environment and to identify the evaluation and linguistic attitude of students regarding the use of pronominal forms of reference to the second person singular. To do so, we applied a questionnaire to teachers and students of the school of Application of the Federal University of Sergipe containing questions regarding the universe of linguistic variation and an evaluation test and linguistic attitude for students

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe; Professora da rede estadual de Sergipe; Membro do Grupo de Estudos em Linguagens, Interação e Sociedade (GELINS); E-mail: andreialuzinete@hotmail.com.

² Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe; Professora do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe; E-mail: ecciaalecia@hotmail.com.



of the municipal and state network of the city of Moita Bonita/SE. The results show that there is still stigma regarding non-standard linguistic varieties, which shows the need for a wide discussion by the school in this respect.

Keywords: Linguistic variation. Linguistic attitude. Mother tongue teaching.

Introdução³

A língua é um sistema vivo e adaptável aos contextos de uso. Trata-se de um universo complexo, rico, dinâmico e heterogêneo; que está em constante variação/mudança. A Sociolinguística Educacional preocupa-se com a aplicação dos resultados das pesquisas sociolinguísticas na solução de problemas educacionais, a fim de proporem práticas mais efetivas no trabalho com a heterogeneidade linguística (BORTONI-RICARDO, 2004). Nesse caminho, tem se acentuado a discussão em torno do ensino de Língua Portuguesa (doravante LP) voltado para a reflexão e o uso, assim como apregoam os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) e a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017). Isso porque é necessário promover a reflexão sobre as características gramaticais e discursivas da língua em situações concretas de uso. Estudos relacionados às categorias verbais⁴ e pronominais, por exemplo, têm trazido subsídios para uma abordagem em sala de aula mais concreta.

³ Este trabalho é um desdobramento dos seguintes projetos desenvolvidos na educação básica pelas autoras: i) “O uso da forma pronominal *tu* no município de Moita Bonita/SE”, coordenado por Andréia Silva Araujo; e ii) “Variação linguística na escola: uma investigação no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe”, coordenado por Éccia Alécia Barreto de Jesus (financiado pela Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe - Fapitec/SE). Os resultados desses projetos foram apresentados e premiados na VII Feira Científica de Sergipe (CIERNART), realizada no dia 27 de outubro de 2017.

⁴ Destacam-se, por exemplo, a obsolescência da forma de pretérito mais-que-perfeito simples e a baixa produtividade da forma de pretérito mais-que-perfeito composto para expressarem uma situação de passado anterior (com a forma de pretérito perfeito simples assumindo esta função) (COAN, 1997; 2003); a emergência e a regularização de uma forma para a expressão de passado imperfeito progressivo, constituída pelo auxiliar *estar* + gerúndio (pretérito imperfeito composto), com a especialização da forma de pretérito imperfeito simples na expressão do valor habitual passado (FREITAG, 2007; 2011); a alternância entre as formas de futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo (COSTA, 1997); a variação das formas de futuro verbal no português brasileiro (OLIVEIRA, 2006) (cf. FREITAG, 2012); a sobreposição das formas pretérito perfeito e pretérito imperfeito



A fim de contemplar a heterogeneidade linguística enquanto conteúdo programático das aulas de língua materna, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa alinham-se a essa concepção de língua como sistema heterogêneo e variável, concepção advinda da Sociolinguística. Nesse sentido, para a disciplina de LP, é meta dos PCN:

que o aluno amplie o domínio ativo do discurso nas diversas situações comunicativas, sobretudo nas instâncias públicas de uso da linguagem, de modo a possibilitar sua inserção efetiva no mundo da escrita, ampliando suas possibilidades de participação social no exercício da cidadania (BRASIL, 1998, p. 32).

Nessa perspectiva de língua heterogênea, os PCN propõem que “a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma “certa” de falar – a que se parece com a escrita – e o de que a escrita é o espelho da fala” (BRASIL, 1998, p. 31). Sendo assim, na escola, faz-se necessário o trabalho mais amplo sobre o respeito à diferença, para que seja possível minimizar o preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais.

Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 25), “na sala de aula, como em qualquer outro domínio social, encontramos grande variação no uso da língua”, pois cada indivíduo assume diversos papéis sociais, o que propicia características linguísticas que marcam cada papel assumido. É nesse viés que se faz necessário enfatizar as tendências imanentes da língua para incentivar os professores a assumirem a convicção de que os chamados “erros” têm explicação no próprio sistema ou processo evolutivo da língua, portanto, podem ser previstos e trabalhados com uma abordagem sistêmica.

Nesta proposta contra a disseminação do preconceito linguístico, o conhecimento deve ser previsto como algo que é construído nas relações. Nesse sentido, nas aulas de LP, “é preciso construir possibilidades de abstração, de forma a tornar a língua objeto de estudo” (GALARZA, 2015, p. 60). De acordo com Faraco (2008, p. 74),

para o desempenho de uma mesma função: a expressão do aspecto habitual (BARRETO, 2014) e o uso da forma de futuro do pretérito como estratégia de polidez (ARAUJO, 2014).



do ponto de vista estritamente gramatical, as variedades (as normas) se equivalem, isto é, todas são igualmente organizadas, todas são igualmente complexas. Isso não significa que todas as variedades se equivalham socialmente. Há uma diferenciação valorativa que hierarquiza as variedades. Por razões históricas, os grupos sociais vão atribuindo diferentes valores às diferentes variedades. Assim, algumas variedades recebem avaliação social positiva, enquanto outras são desprestigiadas e até estigmatizadas. O importante é entender que tais valorizações não são “naturais”, não são puramente linguísticas, mas resultam do modo como se constituem historicamente as relações entre os grupos sociais.

Além disso, tais valorizações também podem estar relacionadas à falta de compreensão de que a língua está sujeita a diversas mudanças, podendo provocar impactos, como o preconceito linguístico (BAGNO, 2001), o que evidencia, mais uma vez, a necessidade de discussão no âmbito escolar. Segundo Faraco e Zilles (2015, p. 7), “o senso comum não se dá bem com a variação linguística e chega, muitas vezes, a explosões de ira e a gestos de grande violência simbólica diante de fatos de variação e mudança”.

Diante disso, neste artigo, apresentamos duas experiências desenvolvidas na educação básica: como a noção de variação linguística está sendo vista/vivenciada no ambiente escolar, e qual a avaliação e atitude linguística de estudantes em relação a conteúdo gramatical, especificamente quanto ao uso de formas pronominais de referência à segunda pessoa do singular. Na seção a seguir, discutimos sobre avaliação e atitude linguística e, em seguida, apresentamos os resultados e discussão da pesquisa realizada; por fim, expomos as nossas considerações finais.

Avaliação e atitude linguística

Há uma relação intrínseca entre língua e sociedade. Isso é fato incontestável, pois “a língua é um fenômeno social” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 78) que está em constante variação, sendo seu uso regido por variadas normas, como, por exemplo, a padrão. Segundo Faraco (2008, p. 75), norma-padrão é “um construto sócio-histórico que serve de referência para estimular um processo de uniformização”. Trata-se de um conjunto de regras, que historicamente passou a ser visto pela sociedade como um modelo, não só do “bem escrever”, mas também do “bem falar”, que deve ser seguido, possuindo, assim, prestígio social.



Em decorrência dessa supervalorização da norma-padrão, os usos linguísticos que “fogem” a esse padrão estabelecido provocam algum tipo de reação das pessoas, isto é, uma avaliação, seja de aversão, podendo culminar em preconceito linguístico, ou de aceitação. Tal avaliação configura-se na atitude linguística que o falante possui em relação a um fenômeno variável na língua. Nessa perspectiva, podemos afirmar que a atitude linguística refere-se ao julgamento que o falante faz quanto aos usos da língua, que, justamente por ser entendida como um objeto social, é suscetível à avaliação/atitude (LAMBERT; LAMBERT, 1966). De acordo com Freitag et al. (2016, p. 66),

Na psicologia social, as atitudes são conceituadas como reações, positivas ou negativas, a algo ou alguém, e estão estruturadas em três dimensões: cognitiva (pensamentos e crenças), afetiva (sentimentos) e comportamental (uso). Em termos sociolinguísticos, a dimensão comportamental corresponde à produção: como o falante efetivamente fala, a frequência de recorrência de uma dada variante em uma comunidade; as dimensões cognitiva e afetiva correspondem à percepção. Como o falante acha que fala ou acha que deve falar (cognitivo) é a manifestação verbalizada, sem reações afetivas, acerca da sua crença sobre seus usos e sobre os padrões da comunidade. Como o falante julga aqueles que falam de determinado jeito (afetivo) é a manifestação de reações afetivas em relação ao objeto em questão.

É importante ressaltar que a atitude linguística reflete qual é o nível de consciência que o falante possui sobre os fenômenos em variação na língua, o que pode interferir na propagação ou na contenção de um fenômeno, tratando-se, portanto, de um aspecto significativo da mudança linguística (cf. WEINREICH, LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2008).

A atitude linguística do falante pode ser identificada por uma abordagem direta ou indireta. Em uma abordagem de forma direta, o falante é questionado sobre o que pensa quanto a um determinado fato da língua, sendo este tipo o mais propício para captar a dimensão cognitiva; já em uma abordagem de forma indireta, a qual favorece a apreensão da dimensão afetiva, deve-se “submeter os falantes à apreciação de características linguísticas e pedir que as associem a traços psicossociais atribuídos aos seus falantes, e, por tabela, à variante em questão” (FREITAG et al., 2016, p. 66).



Ademais, a atitude linguística do falante quanto a um fenômeno variável está atrelada, em muitos casos, aos tipos de relações sociais (simétricas e assimétricas) existentes entre os interlocutores (cf. BROWN; GILMAN, 1960). Relações sociais simétricas são entendidas como aquelas em que os participantes da interação estão em posições hierárquicas iguais na escala social e, conseqüentemente, estes tendem a apresentar uma relação de [-formalidade] e [+intimidade] nas situações comunicativas. Quanto às relações assimétricas, estas ocorrem quando um dos participantes da interação está em uma posição superior na escala social, podendo ser classificadas em dois tipos: ascendente (locutor está em uma hierarquia superior) e descendente (interlocutor está em uma hierarquia superior).

Dentre os fenômenos linguísticos do português brasileiro que podem ter seu uso condicionado pelos tipos de relações sociais existentes entre os envolvidos na situação comunicativa, está a variação entre *tu*, *você* e *senhor(a)* na posição de sujeito. Em termos gerais, a forma pronominal *senhor(a)* é favorecida quando o tipo de relação assimétrica, pois representa a formalidade, havendo interferência da dimensão do poder. Segundo Brown e Gilman (1960), as bases para o poder podem ser, por exemplo, a idade, o sexo, os papéis sociais institucionalizados da igreja, do estado, do exército ou os papéis dentro da família. Já as formas pronominais *tu* e *você* estão relacionadas ao tipo de relação simétrica, pois seu uso é mais frequente quando existe um alto grau de intimidade entre os falantes e não há interferência da dimensão do poder (cf. ROCHA, 2012). É justamente esse fenômeno linguístico que utilizamos em um dos testes aplicados para verificar a atitude linguística dos informantes participantes da pesquisa.

Abordar aspectos relacionados ao universo da variação linguística no ambiente escolar é de suma importância para não só dar acesso ao conhecimento da pluralidade de normas existentes na língua, como também para desconstruir o preconceito linguístico enraizado neste. Segundo Freitag (2017), o papel da escola não pode ser o de “recuperar e ensinar sistemas com o intuito de elevar a frequência artificialmente, gerando um uso totalmente anômalo e desvinculado da realidade da língua”, mas sim o de “propiciar o contato com situações reais de uso, para que o aluno organize os padrões de recorrência em função do contexto” (FREITAG, 2017, p. 86). É essa a direção de ensino de língua que assumimos neste trabalho.



Metodologia

Considerando as relações existentes entre variação linguística, preconceito, avaliação/atitude linguística e ensino, focalizadas neste artigo, foram elaborados dois questionários, os quais foram aplicados em escolas da educação básica, situadas em duas cidades do estado de Sergipe: São Cristóvão e Moita Bonita.

Um dos questionários foi utilizado para verificarmos como a noção de variação linguística está sendo vista/vivenciada no ambiente escolar, mais precisamente no Colégio de Aplicação, o qual está localizado na Universidade Federal de Sergipe, Cidade Univ. Prof. José Aloísio de Campos, bairro Rosa Elze, São Cristóvão/SE. Esse questionário era composto por quatro perguntas abertas sobre variação linguística:

- 1) Você acredita que há variação linguística na Língua Portuguesa? Se possível, justifique a sua resposta.
- 2) Você sabe o que é preconceito linguístico?
- 3) Você já sofreu preconceito linguístico?
- 4) Existe o PROJETO DE LEI DO SENADO nº 238, de 2017, que tipifica como crime a discriminação em razão de pertencimento ou proveniência de determinada região geográfica, unidade federativa, comunidade tradicional ou identidade cultural. Você considera pertinente esse projeto? Por quê?

Antes de elaborar essas perguntas, verificamos os planos de curso dos professores de Língua Portuguesa do referido colégio, a fim de observar se questões/assuntos em torno da variação linguística eram contemplados, pois assim saberíamos se as questões do questionário estavam condizentes.

O questionário foi aplicado a 30 alunos do Ensino Básico, do sexto ano do Ensino Fundamental ao terceiro ano do Ensino Médio, e a 5 professores da área de Linguagens, em agosto de 2017. Cabe destacar que estiveram envolvidas tanto na elaboração do questionário quanto na aplicação deste, como pesquisadoras, duas discentes do 2º ano do Ensino Médio, do Colégio de Aplicação/UFS, as quais são bolsistas do Programa de Iniciação Científica Júnior – PIBIC Jr/FAPITEC.⁵

⁵ As discentes que participaram da pesquisa foram Sabrina Lis Rocha da Silva e Karolyne Oliveira Moura.



O outro questionário foi elaborado, seguindo uma abordagem direta, com o objetivo de identificarmos qual a avaliação e atitude linguística de estudantes em relação ao uso de formas pronominais de referência à segunda pessoa do singular. Para tanto, constavam, neste, as seguintes perguntas objetivas, que foram selecionadas e adaptadas do teste elaborado por Rocha (2012) sobre usos destas formas pronominais:⁶

- 1) Qual forma utiliza para se dirigir a um amigo ou a uma amiga?
- 2) Qual forma utiliza para se dirigir ao seu pai ou a sua mãe?
- 3) Qual forma utiliza para se dirigir a alguém superior (chefe de algum lugar (como de escola, da cidade, do seu trabalho), médico etc.)?
- 4) Qual dessas formas acha boa ou mais bonita?
- 5) Qual dessas formas acha feia ou ruim?

As três primeiras perguntas tinham as seguintes opções de respostas: a) só *tu*; b) só *você*; c) só *senhor(a)*; d) utiliza mais a forma *tu*; e) utiliza mais a forma *você*; f) utiliza mais a forma *senhor(a)* (os itens referentes à forma *senhor(a)* não foram dados como opções para a primeira pergunta). Já para as duas últimas duas perguntas as opções de respostas eram: a) forma *tu*; b) forma *você*; c) a forma *senhor(a)*; d) não acha boa ou mais bonita nenhuma das formas (apenas para a 4ª questão); e) não acha ruim ou mais feia nenhuma das formas (apenas para a 5ª questão). Essas questões sobre usos linguísticos para se referir à segunda pessoa do singular foram elaboradas considerando tipos de relações sociais, visto que estes podem interferir na escolha de uma ou de outra forma pronominal. Os tipos de relações sociais selecionadas foram os seguintes: amigo/amiga, filhos/pais, e subordinado/chefe; e sobre o que achavam das formas pronominais de segunda pessoa do singular (se bonita/boa ou feia/ruim), a fim de identificar qual forma possui uma reação positiva ou negativa.

Esse questionário foi aplicado, em setembro de 2017, a 120 estudantes da cidade de Moita Bonita/SE, sendo 51 para estudantes do

⁶ Fizemos uma pequena adaptação nas perguntas elaboradas por Rocha (2012), a saber: retiramos o uso da palavra *você* para evitarmos um possível efeito gatilho da pergunta na resposta dos informantes, além de substituir a expressão verbal *costuma usar* pela forma verbal conjugada *utiliza*. Cabe ressaltar que muitos estudantes tiveram dificuldades para entender o significado do verbo *dirigir* nesse contexto, evidenciando a necessidade de substituí-lo.



Ensino Fundamental (6º e 8º anos) pertencentes à rede municipal (Escola Municipal Terezinha Santana Santos) e 69 para estudantes do Ensino Médio (1º e 3º anos) pertencentes à rede estadual (Colégio Estadual Djenal Tavares de Queiroz). É importante ressaltar que seis estudantes⁷ do Colégio Estadual Professora Maria da Glória Costa – Moita Bonita/SE, vinculados ao projeto “O uso da forma pronominal *tu* na cidade de Moita Bonita/SE”, participaram do processo de elaboração e aplicação desse questionário.

Avaliação e atitude linguística: resultados e discussão

Para identificarmos a avaliação e a atitude de informantes quanto à variação linguística, conforme descrevemos na seção anterior, a pesquisa foi realizada seguindo dois direcionais: aplicação de um questionário para docentes e discentes com perguntas referentes à noção de preconceito e de variação linguística e aplicação de um questionário de atitude linguística para discentes sobre o uso de formas pronominais de referência à segunda pessoa do singular. Apresentamos, nas próximas seções, os resultados obtidos.

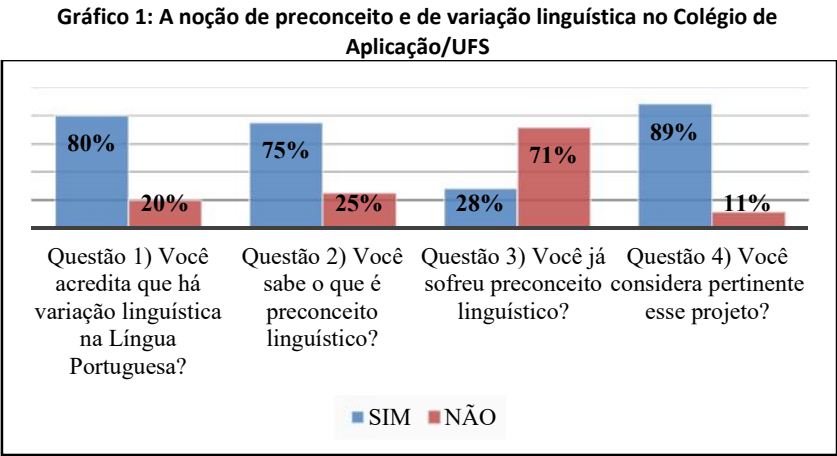
A noção de preconceito e de variação linguística no ambiente escolar

Sabe-se que, apesar da implementação do conteúdo “Variação linguística” no ensino de língua portuguesa decorrente, principalmente, das orientações presentes nos PCN, ainda é possível constatar, no ambiente escolar, a falta de informação a respeito desse assunto e a prática de ações que culminam no preconceito linguístico. Dessa forma, faz-se necessário realizar pesquisas a fim de identificar qual a noção de preconceito e de variação linguística que a comunidade escolar possui para que, após o diagnóstico, sejam promovidas ações interventivas. Com o intuito de realizar uma pesquisa diagnóstica nesse âmbito, aplicamos um questionário que buscava avaliar como a noção de variação linguística está sendo vista/vivenciada pelos docentes e discentes do Colégio de Aplicação da

⁷ Participaram da pesquisa os seguintes discentes: Daniele dos Santos, Lucas Gabriel dos Santos, Maiara Sampaio da Silva, Maria Kaylane Garção Santos, Maycon de Santana Santos, Vanessa Souza Barreto e Yasmin dos Santos Mendonça.



Universidade Federal de Sergipe. Apresentamos, no Gráfico 1, os resultados obtidos com a aplicação do questionário.



Na questão 1, os discentes e docentes foram questionados se há variação linguística na língua portuguesa do Brasil. Dos trinta e cinco participantes da pesquisa, 80% disseram que sim. O fato de a maioria dos discentes e docentes terem respondido sim à pergunta, mostra que as variedades do português são inúmeras e que pessoas se comunicam perfeitamente dentro do Brasil, sejam elas de qualquer região. Assim, evidencia-se a percepção discente de que a língua não é um bloco compacto, homogêneo, parado no tempo e no espaço, mas sim um universo complexo, rico, dinâmico e heterogêneo.

A questão 2 – *Você sabe o que é preconceito linguístico?* – apresentou, também, um quantitativo significativo de respostas afirmativas, correspondendo a 75%. Esse percentual é muito significativo, mas, cabe observar que ainda existe uma parte, 25%, dos participantes que não conhece a noção de preconceito linguístico, o que, por vez, pode ser um agravante, principalmente, por estar em uma comunidade escolar. Nesse sentido, é importante, dentro do espaço escolar, “conhecer o aluno, saber a que comunidade de fala ele pertence, que valores culturais perpassam suas experiências” (CYRANKA, 2015, p. 35), pois tudo isso contribui para intensificar a necessidade do respeitar as diferenças, a exemplo das linguísticas.



Na questão 3, os participantes foram questionados se já sofreram preconceito linguístico, 28% disseram já terem passado por alguma situação de preconceito para com seu modo de falar. De acordo com Bortoni-Ricardo (2004), não podemos reprimir as pessoas ordenando que troquem uma variante pela outra, mas sim conscientizá-las sobre as diversas variações, para que elas possam adequar-se a cada situação comunicativa em que se encontram.

Quanto à última questão, referente à pertinência do PROJETO DE LEI DO SENADO nº 238, de 2017, descrito anteriormente, é possível ver, no Gráfico 1, que 89% dos participantes da pesquisa responderam que o projeto de lei do Senado deve ser aprovado. Cabe destacar que, com essa questão, queríamos mostrar aos alunos e professores que já existem muitas discussões em torno do preconceito linguístico, inclusive no Senado. Discussões como essa são válidas porque, segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 35), “a pluralidade cultural e a rejeição aos preconceitos linguísticos são valores que precisam ser cultivados a partir da educação infantil e do ensino fundamental”, uma vez que a língua é um fato social, heterogêneo, complexo, vulnerável a variação e mudança, no tempo e no espaço.

Portanto, embora os resultados obtidos sejam bastante positivos ao evidenciar que a maioria dos informantes tem conhecimento sobre o assunto em questão, ainda é necessária ampla discussão pela escola sobre variação linguística e o preconceito linguístico. Além disso, esse é um dos temas discutidos em exames e documentos oficiais, a exemplo do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio). Neste exame, na prova de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, o tópico variação linguística ocupa parte significativa na prova: em média, 9 questões das 45 que compõem essa área do conhecimento: “no período de 13 edições do exame, identificamos 161 questões de língua portuguesa, das quais 35 abordaram o conteúdo de variação linguística” (ANDRADE; FREITAG (2016, p. 305),

Avaliação e atitude linguística de estudantes quanto ao uso de formas pronominais

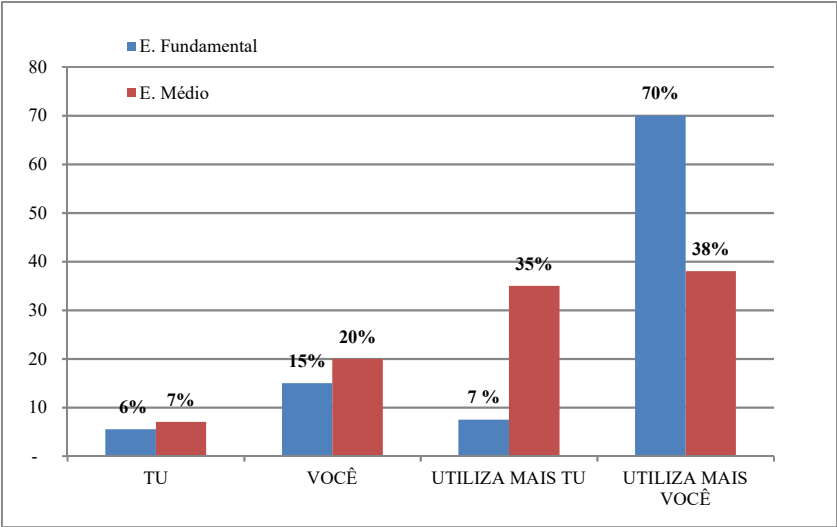
Como a língua é um sistema heterogêneo, é possível constatar diversos fenômenos variáveis na fala (e também na escrita), como, por exemplo, a variação entre *tu/você* na referência a segunda pessoa do



singular. A partir do contato com a comunidade de Moita Bonita/SE, identificamos que as pessoas fazem usos tanto da forma pronominal *tu* quanto da forma *você*. Em virtude dessa constatação, resolvemos identificar em quais tipos de relações sociais o uso da forma pronominal canônica de segunda pessoa do singular é favorecido/desfavorecido nessa comunidade, considerando a atitude linguística dos estudantes em relação às possibilidades de usos da forma nessa perspectiva. Os resultados obtidos com aplicação do questionário de atitude linguística a estudantes da rede municipal e estadual de ensino da referida cidade.

De acordo com a proposta de Brown e Gilman (1960) sobre tipos de relações sociais, podemos afirmar que a primeira pergunta do teste - *Qual forma utiliza para se dirigir a um amigo ou a uma amiga?* - reflete uma situação comunicativa entre locutor e interlocutor que possuem um tipo relação simétrica, uma vez que estes estão em posições hierárquicas iguais, apresentando, nas situações comunicativas, uma relação de [-formalidade] e [+intimidade]. No Gráfico 2, estão dispostos os resultados obtidos para este questionamento.

Gráfico 2: Formas pronominais que os estudantes utilizam para se dirigir a um amigo(a)



Os resultados apresentados no Gráfico 2 evidenciam que tanto os estudantes do EF quanto do EM afirmaram utilizar mais a forma pronominal *você*, atingindo, respectivamente, um percentual de 70% e de 38% das

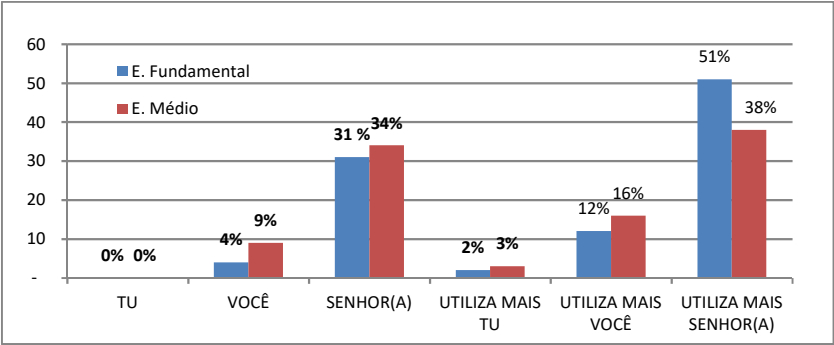


opiniões. Constatou-se também através destes resultados que poucos estudantes alegaram usar somente a forma *tu* para se dirigir a um(a) amigo(a), com percentuais de 6% para EF e 7% para o EM. Além disso, 15% dos estudantes do EF e 20% do EM afirmaram que utilizam apenas a forma *você* nesse contexto comunicacional e 7% dos estudantes do EF e 35% EM usam mais a forma pronominal *tu*. Tais resultados dão indícios que os falantes da cidade de Moita Bonita/SE utilizam como primeira opção a forma pronominal *você* para fazer referência à segunda pessoa do singular quando há interação entre informantes que possuem esse tipo de relação social. Os resultados obtidos neste estudo não corroboram com os obtidos por Rocha (2012), pois 65% dos falantes da cidade de Florianópolis afirmaram que usam apenas a forma *tu* neste tipo de situação comunicativa.

As duas perguntas seguintes do teste de atitude - *Qual forma utiliza para se dirigir ao seu pai ou a sua mãe?* e *Qual forma utiliza para se dirigir a alguém superior (chefe de algum lugar (como de escola, da cidade, do seu trabalho), médico etc.)?* - podem ser classificadas, nos termos de Brown e Gilman (1960), como perguntas que refletem uma situação comunicativa entre locutor e interlocutor que possuem um tipo relação assimétrica, visto que temos entre estas posições hierárquicas diferentes, em que um dos falantes exerce poder sobre o outro, apresentando, dessa forma, uma relação de [+formalidade] e [-intimidade]. Esse tipo de relação pode ser classificado como assimétrica ascendente e assimétrica descendente. O primeiro tipo acontece, na perspectiva dos autores, quando o falante que está com o domínio do tópico conversacional se dirige a alguém que está em posição hierárquica superior na escala social; já no segundo tipo de relação ocorre o contrário, quem está em uma posição hierarquicamente superior na escala social é o locutor. As duas questões referidas evidenciam um tipo de relação assimétrica ascendente, pois em ambas o interlocutor é quem detém o poder. No Gráfico 3, estão dispostos os resultados referentes à díade filhos/pais obtidos através da segunda pergunta do teste.



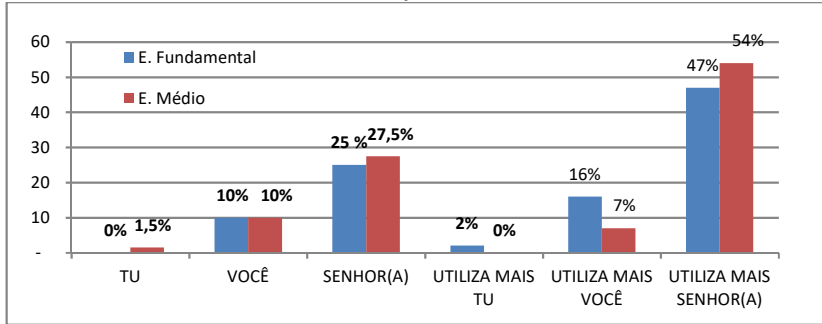
Gráfico 3: Formas pronominais que os estudantes utilizam para se dirigir aos pais



Conforme podemos verificar no Gráfico 3, os estudantes afirmaram que utilizam outras formas pronominais, mas, principalmente, a forma *senhor(a)* (51% EF e 38% EM) para se dirigir aos pais. O segundo resultado com maior frequência nas respostas obtidas com a aplicação do teste está a referência ao uso de apenas a forma *senhor(a)* para se dirigir aos pais (31% EF e 34% EM). Na sequência, temos a menção nas respostas da opção *utiliza mais a forma você* (12% EF e 16% EM), seguida em menor frequência das opções *apenas a forma você* (4% EF e 9% EM) e *utiliza mais a forma tu* (2% EF e 3% EM). Constatou-se com a aplicação do teste que nenhum informante mencionou utilizar apenas a forma *tu* para se dirigir aos pais. Os nossos resultados se distanciam, novamente, dos obtidos por Rocha (2012), isso porque esta constatou em sua pesquisa que os informantes estão divididos entre o uso só do *tu* (35%) e só do *senhor(a)* (31%). Esperávamos que os nossos resultados para a díade filhos/pais fossem diferentes, havendo uma maior referência ao uso da forma *você* ou pelo menos uma referência menos expressiva ao uso da forma *senhor(a)*, visto que é perceptível na sociedade como um todo que muitas pessoas que desempenham um papel social superior preferem que os outros utilizem o pronome *você* para se referirem a eles. Tal preferência pode ser justificada pelo fato de muitas pessoas se sentirem ofendidas ao serem chamadas de *senhoras* por acharem que este pronome é usado para se referir a idosos.

Os resultados obtidos para a díade subordinado/chefe, a qual foi focalizada na terceira pergunta do teste - *Qual forma utiliza para se dirigir a alguém superior (chefe de algum lugar (como de escola, da cidade, do seu trabalho), médico etc.)?* -, são semelhantes aos da díade filhos/pais. Tais resultados podem ser observados no Gráfico 4:



Gráfico 4: Formas pronominais que os estudantes utilizam para se dirigir a alguém superior

Verifica-se, no Gráfico 4, que a maioria dos estudantes escolheu a opção *utiliza mais a forma senhor* (47% EF e 54% EM), seguida das opções, respectivamente, *só senhor(a)* (25% EF e 27,5% EM), *utiliza mais a forma você* (16% EF e 7% EM), *só a forma você* (10% EF e 10% EM), *utiliza mais a forma tu* (2% EF e 0% EM) e *só a forma tu* (0% EF e 1,5% EM). Observa-se que as diferenças de percentuais em relação a escolaridade dos estudantes são pouco significativas. Estes resultados são os que mais se aproximam dos obtidos por Rocha (2012). A preferência pelas opções *utiliza mais a forma senhor* e *só senhor(a)* deve-se aos papéis sociais que cada um desempenha, os quais evidenciam uma relação de poder entre estes, favorecendo o uso da pronome com maior grau de formalidade e mais cortês.

Além destas perguntas envolvendo relações simétricas e assimétricas, conforme já mencionamos, foram feitas duas perguntas sobre o que os estudantes achavam das formas pronominais de segunda pessoa do singular (se bonita/boa ou feia/ruim), com o intuito de identificar qual forma possui uma reação positiva ou negativa. Os resultados obtidos estão dispostos nos Gráficos 5 e 6.



Gráfico 5: Avaliação dos estudantes quanto à forma que acha boa ou mais bonita

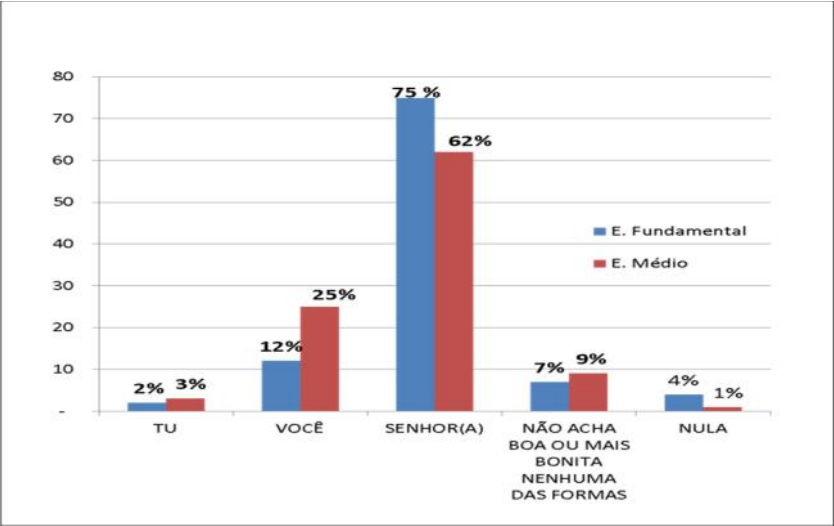
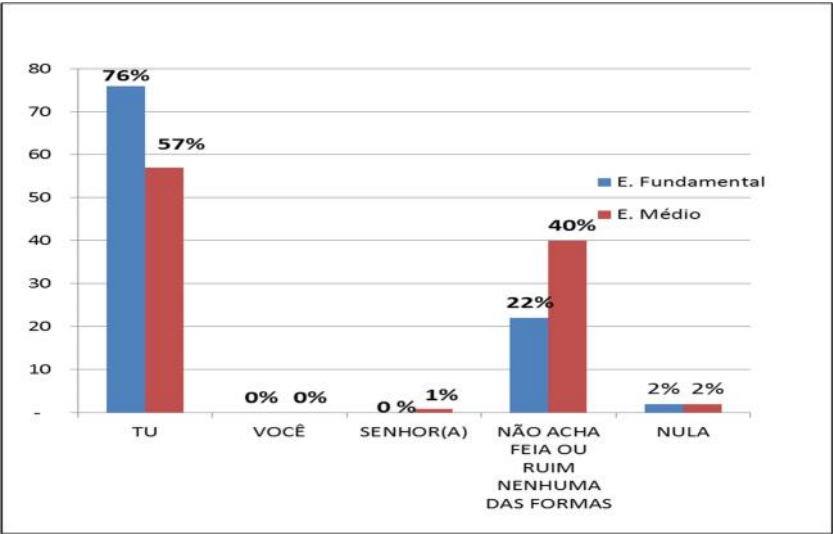


Gráfico 6: Avaliação dos estudantes quanto à forma que acha feia ou ruim.



O Gráfico 5 apresenta os resultados referentes à quarta pergunta - *Qual dessas formas acha boa ou mais bonita?*. Os estudantes tanto do EF quanto do EM responderam majoritariamente que acham a forma *senhor(a) boa ou mais bonita*, apresentando um percentual de 75% para EF e 62% EM. Esses resultados se diferenciam dos obtidos por Rocha (2012), pois a maioria dos informantes escolheram a opção *você*. Já para a pergunta *Qual dessas formas acha feia ou ruim?* a maioria dos estudantes marcou a forma *tu*,



principalmente, os estudantes do EF (76%). Tais resultados corroboram com os resultados obtidos na segunda e na terceira perguntas do teste de atitude, uma vez que estes escolheram para as relações assimétricas a forma *senhor(a)* em virtude do grau de formalidade e de polidez que esta possui. Ademais, nas três primeiras perguntas, poucos estudantes escolheram a forma *tu* para se dirigir a outro, este resultado pode estar atrelado a avaliação negativa destes em relação à forma, como evidenciado nos resultados presentes no Gráfico 6. Ao comparar esses resultados com os obtidos por Rocha (2012), constata-se que há semelhanças, uma vez que as respostas com um maior percentual foram a forma *tu* e *não acha feia ou ruim nenhuma das formas*, sendo esta última opção a mais escolhida. Essa avaliação negativa quanto à forma *tu* evidencia a necessidade de se discutir mais sobre a noção de preconceito e variação linguística nas escolas da cidade de Moita Bonita/SE.

Em termos gerais, identificamos que os informantes do presente estudo e do realizado por Rocha (2012) fizeram avaliações distintas. Isso pode ser justificado pelo fato de que os fenômenos linguísticos “variáveis não são igualmente sensíveis as mesmas avaliações em todas as regiões, essa variação nas avaliações produz efeitos sobre a maneira como os sujeitos assumem e reconhecem certos usos linguísticos como marcas de sua identidade regional.” (FREITAG et al., 2015, p. 66).

Considerações finais

A partir dos resultados obtidos com a aplicação do questionário sobre a noção de variação linguística no espaço escola, evidenciamos que ainda há um quantitativo significativo de discentes e docentes que acreditam que não existe o preconceito linguístico ou que a variedade linguística existente é somente a regional. Quanto aos resultados do questionário aplicado aos estudantes da cidade Moita Bonita/SE, em termos gerais, estes evidenciam que o uso da forma pronominal *você* é favorecida quando o tipo de relação é simétrica e a díade é amigo/amigo (cabe ressaltar que apenas nessa díade houve uma menção mais expressiva à forma canônica) e quando o tipo de relação é assimétrica, como ocorre nas díades filhos/pais e subordinado/chefe, há o favorecimento da forma *senhor(a)*. Além disso, a maioria dos informantes avaliou negativamente a forma *tu*, evidenciando que, provavelmente, esta carrega um estigma social.



Tais resultados evidenciam que é necessária a ampla discussão pela escola sobre as variedades linguísticas, isso porque, do ponto de vista social, a falta de compreensão de que a língua está sujeita a diversas mudanças geradas através de condições que impulsionam as mesmas, pode provocar impactos, como o preconceito linguístico (BAGNO, 2001). Conhecer fatores ligados à variação linguística pode contribuir para que o aluno queira encontrar as origens e a história de sua língua, a fim de entendê-la, para assim defendê-la, ao invés de incitar o preconceito linguístico, por exemplo (cf. BAGNO, 2001; BORTONI-RICARDO, 2004). Portanto, abordar essas noções de forma eficaz no ambiente escolar não só contribuirá para que a comunidade escolar perceba a existência de vários falares como também colaborará para que haja o entendimento de que todos eles devem ser respeitados e preservados.

Referências

ANDRADE, S. R. de J.; FREITAG, R. M. Ko. A evolução do tratamento da variação linguística no Enem. **Signum: Estudos da Linguagem**, v. 19, n. 1, p. 293-320, 2016.

BAGNO, M. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2001.

ARAUJO, A. S. **“Você me faria um favor?”**: O futuro do pretérito e a expressão de polidez. 2014. 115 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.

BARRETO, E. A. **A expressão do aspecto habitual**: um estudo na fala e na escrita de Itabaiana/SE. Dissertação de Mestrado em Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Língua



Portuguesa. Ensino. Fundamental. Terceiro e quarto ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular** (3a versão). 2017.

BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of Power and Solidarity. In: SEBEEK, T. A. (ed.). **Style in Language**. MIT Press, p. 253-276, 1960.

COAN, M. **Anterioridade a um ponto de referência passado**: Pretérito (mais que) perfeito. 1997. 177f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

_____. **As categorias de tempo, aspecto, modalidade e referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito**: correlações entre função(ões)- forma(s) em tempo real e aparente. 2003. Dissertação (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

COSTA, A. L. **A variação entre formas de futuro do pretérito e de pretérito imperfeito no português informal no Rio de Janeiro**. 1997. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.

CYRANKA, L. F. Mendonça. A pedagogia da variação é possível? In: FARACO, C. A.; ZILLES, A. M. S. **Pedagogia da variação linguística**: língua, diversidade e ensino. São Paulo: Parábola, 2015, p. 31-51.

FARACO, C. Al. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola, 2008.

FREITAG, R. M. Ko. **A expressão do passado imperfectivo no português**: variação/gramaticalização e mudança. 2007. 231f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

FREITAG, R. M. Ko. Past tense in Brazilian Portuguese: set of tense-aspectmodality features. In: **Proceedings of the VIIth GSCP International**



Conference Speech and Linguistic Analysis. Firenze: Firenze University Press, 2012, p. 388-392.

FREITAG, R. M. Ko.; SEVERO, C. G.; ROST-SNICHELOTTO, C. A.; TAVARES, M. A. Como o brasileiro acha que fala? Desafios e propostas para a caracterização do “português brasileiro”. **Signo y Seña - Revista del Instituto de Lingüística**, v. 28, p. 65-87, 2015.

FREITAG, R. M. Ko.; SEVERO, C. G.; ROST-SNICHELOTTO, C. A.; TAVARES, M. A. Como os brasileiros acham que falam? Percepções sociolinguísticas de universitários do Sul e do Nordeste. **Todas as letras**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 64-84, maio/ago. 2016.

FREITAG, R. M. Ko. Aspecto inerente e passado imperfeito no português: atuação dos princípios da persistência e da marcação. **Alfa**, São Paulo, 55 (2): 477-500, 2011.

FREITAG, R. M. K. A mudança linguística, a gramática e a escola. **PERCURSOS**, v. 18, p. 63-91, 2017.

GALARZA, D. K. Aulas de português, construção do conhecimento e interação social. In: FARACO, C. A.; ZILLES, A. M. S. **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Parábola, 2015, p. 53-75.

GORSKI, Edair; FREITAG, Raquel Meister Ko. O papel da Sociolinguística na formação dos professores de Língua Portuguesa como língua materna. In: Marco Antonio Martins; Maria Alice Tavares. (Org.). **Contribuições da Sociolinguística e da Linguística Histórica para o ensino de Língua Portuguesa**. Natal: EdUFRN, 2013, v. 5, p. 11-51.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. **Psicologia social**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1966.

OLIVEIRA, J. M. de. **O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança**. 2006. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.



ROCHA, P. G. **O sistema de tratamento do Português de Florianópolis: um estudo sincrônico**. 2012. Tese (Doutorado em Linguística). Curso de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Recebido: 30/07/2018

Aceito: 02/07/2018

